



INSTITUTO DE HUMANIDADES

BACHARELADO EM

HUMANIDADES

**A CRIAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL: MOVIMENTO SIONISTA E
RESISTÊNCIA ÁRABE , 1896-1948**

Tiago da Costa Nogueira

REDENÇÃO-CE

2022

Tiago da Costa Nogueira

**A CRIAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL : MOVIMENTO SIONISTA E
RESISTÊNCIA ÁRABE , 1896-1948**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Krieger Barreira

REDENÇA

O 2022

Resumo : Este trabalho tem como objetivo mostrar as origens do conflito árabe israelense desde o início das ideias sionistas em 1896 até a formação do estado de Israel em 1948, a partir disso, retratar a resistência árabe à migração e a formação do estado em 1948. Trata de contribuir para mostrar explicações para a complexidade do conflito ainda existente.

Palavras-chave : Sionismo, Árabe , Israel

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO
2. DELIMITAÇÃO DO TEMA
3. JUSTIFICATIVA
4. CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA
5. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA
6. REFLEXÕES METODOLÓGICAS
7. MÉTODOS
8. REFERÊNCIAS

1. Introdução

O conflito Árabe -Israelense é sem dúvida um dos conflitos mais longos, existentes nos dias atuais. Os dois povos Semitas, Árabe e Judeu, surgem praticamente da mesma descendência abraâmica. O território onde foi estabelecido o Estado de Israel, nos dias atuais, é chamado de Palestina, e é limitado pelo Mar Mediterrâneo a oeste, o rio Jordão e ao Mar Morto a leste (o que atualmente configura a fronteira com o Reino Hashemita da Jordânia), limitado ao norte pela fronteira com a atual República Libanesa, a nordeste com as Colinas de Golã, território da atual República Árabe da Síria e que atualmente se encontra sob ocupação israelense, e ao sul com a Península do Sinai, território da atual República Árabe do Egito, tendo aproximadamente 27.000 Km² de extensão (HOUAT, 2006).

A Palestina esteve organizada em Cidades-estados sob a hegemonia egípcia durante uma boa parte do II milênio a. C, e os seus habitantes eram conhecidos como cananeus (também chamados de fenícios, que ocuparam também a costa dos atuais Líbano e Síria, formando diversas Cidades-estados. Normalmente, o termo cananeu é utilizado para a comunidade voltada para o uso do solo, e fenício, para a comunidade voltada para o comércio marítimo), e a região recebeu várias levadas de imigrantes vindo do norte e noroeste, ou do outro lado do Mediterrâneo. Os mais conhecidos entre eles são os filisteus, que se fixaram sobretudo no sudoeste da região, e ali fundaram vários pequenos reinos (HOUAT, 2006)

A origem desses dois povos é a mesma praticamente esses dois grupos lutaram e tiveram conflitos pelo estabelecimento na região, até que os hebreus conseguiram se fixar na Galiléia, próxima ao rio Jordão. A partir dessa época, importantes governantes surgiram como Davi e Salomão e fizeram de Jerusalém a capital chamada terra de Israel. Em 63 a. C. a Palestina foi anexada pelo Império Romano, e os judeus da região fizeram várias revoltas contra esse domínio, sendo que muitos foram mortos e expulsos da região, tendo os romanos destruído o segundo Templo Judaico de Jerusalém, construído após a destruição do primeiro pelos próprios babilônios. Com a cristianização do Império Romano, a Palestina adquiriu grande importância aos olhos deste Império, já que os grandes eventos do Cristianismo (nascimento de Jesus, sua crucificação, sua ressurreição) aconteceram na região em questão. Após a separação do Império Romano em dois (Império Romano do Ocidente e Império Romano do Oriente, também chamado de Império Bizantino) a Palestina ficou sob o domínio do Império Bizantino, sendo que a maior parte da sua população tornou-se cristã. (HOUAT, 2006)

Apesar dos piores excessos da perseguição romana aos Judeus incluindo a destruição total da própria Jerusalém, os judeus nunca chegaram a ser totalmente expulsos de fato da sua terra. Entre a conquista romana e os tempos modernos, as comunidades judaicas, famílias e indivíduos, mantiveram sempre laços inquebráveis com o "povo escolhido" (GILBERT , 2002) no meio de todo esse processo, o povo palestino continuou na região, vivendo e lutando para preservar sua identidade e cultura e o império otomano a partir de 1517, comandou esses grupos Árabes por muito tempo no entanto, a partir do século XIX começou a enfraquecer (HOURANI, 1991 , p . 318)

Assim como a maioria dos povos árabes, as comunidades que habitavam a região da Palestina estavam sob o governo do Império Otomano desde o princípio do século XVI até o ano de 1917, embora a religião oficial do Império fosse o Islã, as comunidades cristã e judaica tinha, igualmente, seu status reconhecido na região. Nesse sentido, o Império Otomano foi capaz de manter juntas terras de tradições políticas e culturais muito distintas, bem como diversos grupos étnicos e comunidades religiosas diferentes, sem que isso implicasse grandes conflitos (HOURANI,1991,p.225)

Os judeus que haviam sido expulsos, iniciaram no século XX um movimento conhecido como sionismo pela sua reintegração ao território que tinha como ponto de referência geográfico central a região da Palestina. Autores como Theodor Herzl que aderiram à causa na época, falavam que o mundo desprezava os judeus, uma vez que estavam espalhados por muitos países do globo e a solução proposta era a criação de uma nacionalidade judaica, bem como estabelecimento deles na Palestina. Houve discussões sobre o estabelecimento dos judeus na Uganda e em outros lugares, mas estas propostas foram recusadas no chamado congresso sionista mundial ocorrido na basileia em 1903. Já em 1917, Inglaterra emitiu a *declaração de Balfour*, na qual afirmava possuir uma posição simpática ao estabelecimento de um lar nacional para o povo Judeu, na Palestina, fato que fomentou a imigração judaica para o país e também um descontentamento por parte dos palestinos (SOARES,1989)

Antes do mandato britânico na Palestina em 1920, surge *A declaração de Balfour* em 1917 que apoiava o surgimento de um estado judeu na Palestina, e que, em parte, isso resultaria em grandes transformações sociais culturais para o povo Palestino e para os Judeus que imigravam para a região. Devido a isso, desde que essas mudanças começaram a

acontecer, bem no início do século XX, começaram a acontecer os primeiros ataques

palestinos. A fim de acalmar os conflitos na região, Winston Churchill publicou o primeiro livro branco (*command paper*) esse documento afirmava que o governo britânico promulgou a constituição da Palestina e autorizou a entrada de mais imigrantes judeus. Diante dos impasses políticos e do crescimento dos direitos de defesa de ambas as partes, foram se estruturando organismos paramilitares no lugar (SOARES , 1989) é só a partir do século XX que novos conflitos se intensificaram em grandes migrações judaicas para a região. Nesse contexto, é necessário entender de onde o Sionismo começa e de onde vem e a partir disso, o trabalho busca explicitar os atores das ideias sionistas e seus pensamentos que culminaram nas ideias de um lar para os Judeus e a resistência nos territórios ocupados na Palestina.

O Sionismo não é um consenso para os judeus em geral surgiu no século XIX em parte em resposta ao anti-semitismo que os judeus enfrentaram em algumas regiões da Europa, inspirado também pelo caso Dreyfus em 1894 na França. Todo esse processo ajudou a construir algumas vertentes do Sionismo. O movimento sionista ganhou notoriedade a partir do século XX na medida que o império britânico começou a comandar a Palestina.

2. DELIMITAÇÃO DO TEMA

O presente trabalho vai tratar sobre o conflito árabe israelense no contexto da criação do Estado judeu em 1948, desde das origens do sionismo na Europa em 1896 até a formação do estado de Israel em 1948 nesse sentido, os objetivos do trabalho são os seguintes

Objetivo Geral – apresentar as origens do conflito árabe israelense

Objetivos específicos _ discutir as origens e o pensamento do movimento sionista na Europa
_ apresentar a resistência árabe a formação do Estado de Israel
_ relatar a migração judaica durante o mandato britânico

3. JUSTIFICATIVA

O estado de Israel até os dias de hoje passa por inúmeras tensões de grande repercussão na mídia e na sociedade ocidental. Nas últimas décadas no século XXI contudo, as motivações implícitas que influenciaram na criação do estado israelense não começa em 1948, e sim de uma série de eventos ocorridos na Europa como o antisemitismo e a segunda guerra mundial, que culminaram direta e indiretamente na criação de Israel.

Nesse sentido, principalmente antes da partilha do império otomano e o início do mandato britânico na Palestina, houve um apoio britânico incompatível nos anseios árabes, que foi a apoio ao lar judeu na Palestina na *Declaração de Balfour* em 1917 falando em tese que

"Secretaria do Ministério das Relações Exteriores 2 de novembro de 1917 Estimado Lord Rothschild Me compraz transmitir-lhe, em nome do Governo de Sua Majestade Britânica, a seguinte declaração de simpatia pelas aspirações judaicas sionistas, cujo texto foi submetido ao Gabinete e aprovado por este: "O Governo de sua Majestade vê com beneplácito o estabelecimento na Palestina de um lugar nacional para o povo judeu e fará o quanto estiver em seu poder para facilitar a realização desse objetivo, ficando claramente entendido que não se tomará nenhuma medida que possa prejudicar os direitos civis e religiosos das comunidades não-judaicas da Palestina, ou os direitos e a condição política de que gozem os judeus em qualquer outro país".
Lhe agradecerei se puser esta declaração em conhecimento da Federação Sionista. Atenciosamente,
Arthur James Balfour"(apud GOMES ,p.20 2001)

A Declaração de Balfour teve papel fundamental nas fases do conflito na Palestina. Ela foi incorporada ao texto do Mandato britânico a partir de 1920, transformando-se numa espécie de Constituição sionista à qual o governo britânico pretendia submeter os habitantes da Palestina. A Declaração de Balfour foi um documento de consultas mútuas entre membros do Governo britânico e da Organização Sionista Mundial e só foi aprovada após o consentimento dos EUA. Foram examinados seis projetos antes de ser formulada sua versão definitiva. Esse meticuloso processo de redação em questão teve por resultado, aparentemente proposital, a elaboração de uma declaração repleta de ambiguidades, assim como foi propositalmente ambíguo o termo "lugar nacional para o povo judeu" em vez de "Estado nacional". Essa ambiguidade tinha o objetivo estratégico, na época de sua redação, de não confrontar diretamente os árabes e, posteriormente, no final do mandato, justamente a mesma ambiguidade foi usada pelo Governo britânico para negar aos sionistas a pretensa promessa de criação de um Estado judeu.(GOMES ,2001,p.21)

Nesse sentido, o conflito árabe-israelense é um dos conflitos mais duradouros existentes, que passa décadas e séculos e os conflitos têm sempre uma instabilidade momentânea. A justificativa para o trabalho se dá pelo seu caráter atual na mídia e nos meios de comunicação em geral o meu trabalho pode contribuir para esclarecer a complexidade do conflito. Assim sendo, entender o processo da criação do Estado de Israel é essencial para entender o conflito de hoje.

4. PROBLEMATIZAÇÃO CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Este trabalho busca mostrar as origens da criação do Estado de Israel e o sionismo na Europa, e todo o processo e suas idéias, que culminaram na formação de um estado judeu na Palestina, e a resistência árabe com a migração judaica e todo o processo na tensão árabe israelense. O movimento sionista tem papel político importante, no que veio a se desencadear em Israel, principalmente após o aceno para os objetivos implícitos dele pelo Reino Unido. As ações anti semitas que ocorriam na Europa em algumas regiões foram influentes na tese dos sionistas para um lar para os judeus na Palestina no entanto, o Sionismo não era uma ideia aceita totalmente pelos judeus até os dias de hoje pois muitos judeus, embora houvesse um anti-semitismo, ainda tinham raízes nesses países o que os impedia de querer todos embora. Com a dispersão dos judeus ao redor do mundo, feita pelo Império Romano por muito tempo, muitos deles alimentaram o desejo de retornar à Palestina, porém esse desejo permaneceu mais de uma forma utopista do que real (estando mesmo presente na fé judaica, que o Messias levará todos os judeus para a Palestina), até que essa idéia começou a se concretizar, com o surgimento do sionismo político. Apesar dessa dispersão dos judeus pelo mundo, alguns deles permaneceram na Palestina, sendo que, na época do Império-Turco Otomano, a estimativa é que eles formavam 10% da população local, enquanto os outros 90% eram árabes-palestinos, de maioria muçulmana, mas também havendo uma minoria de cristãos (HOUAT, 2006).

Na sua obra, O Estado Judeu (1896) Herzl apresenta os objetivos para a criação de um Estado habitado exclusivamente por judeus, que, segundo ele, seria a única forma de os judeus se protegerem do anti-semitismo que se construía naquele período na Europa. De acordo com Bartel (2006, p. 18)

Herzl afirmava que “a questão judaica não era nem social, nem política e sim nacional”, pois “o anti-semitismo só seria resolvido através da criação de um estado Nacional Judaico”.

Na Europa durante o século XXI e o século XX surge inúmeros movimentos Nacionalistas inclusive também o Sionismo, como fala Hobsbawm

A base dos “nacionalismos” de todos os tipos era igual: era a presteza com que as pessoas se identificavam emocionalmente com “sua” nação e podiam ser mobilizadas, como tchecos, alemães

italianos ou quaisquer outras, presteza que podia ser explorada politicamente. A democratização da política e especialmente a das eleições oferecia amplas oportunidades para mobilizar as pessoas. Quando os Estados faziam isso, chamavam-no de “patriotismo”. Originalmente, a essência do nacionalismo de direita, que emergia em Estados-nação já estabelecidos, era a reivindicação do monopólio do patriotismo para a extrema direita política, e por meio dela a estigmatização de todos os demais como traidores. O fenômeno era novo; durante a maior parte do século XIX, o nacionalismo fora identificado com movimentos liberais e radicais, bem como com a tradição da Revolução Francesa. Em outras partes, porém, o nacionalismo não se identificava necessariamente com nenhuma das cores do espectro político. Hobsbawm (1988,p.207)

Partindo desse ponto, o Sionismo também se encaixa como um movimento nacionalista no século XIX. A resistência árabe a esse lar judeu tem papel fundamental nos grandes conflitos, na região antes da criação de Israel, no metade do século XX, conflitos estes que culminaram em muitas tensões entre grupos armados.

O Mandato britânico, na Palestina, mantinha uma espécie de constituição sionista, que, em tese, possibilitou ao sionismo ter instituições voltadas à organização e desenvolvimento da comunidade judaica, tornando-se, em alguns setores, paralelas às instituições do mandatário, inclusive com forças de defesa em questão, coisas que os árabes encontravam-se impossibilitados de fazer, tanto por falta de recursos no momento, como por impedimentos por parte da Administração. Era rigidamente proibido aos árabes a propriedade e o porte de armas (GOMES, 2001).

Nesse contexto, o trabalho busca falar sobre as origens da criação de Israel em paralelo ao sionismo na Europa e seus passos até a criação do de Israel em 1948.

5 . REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A pesquisa histórica sobre o conflito árabe israelense não é o ponto principal das pesquisas nas ciências humanas no Brasil contudo, vem surgindo nos últimos anos muitos trabalhos sobre vem sendo feitos pelo fato que, o conflito influência nas questões culturais e econômicas partindo disto, Laura Rejane (2001) na sua obra *A questão Palestina e a fundação de Israel* trata de mostrar a política internacional e o mandato britânico na Palestina no que se discorre sobre a criação de Israel em paralelo a isso, Stephan Houat (2006) fala nos seus textos sobre a questão da criação em si de Israel, de uma forma crítica analisando se a criação do país foi feita de forma legítima ou não, mostrando os aspectos políticos e históricos desse fato, fazendo um grande paralelo com a criação e consolidação dos Estados europeus, além de apresentar um modelo de um único Estado para israelenses e palestinos, como proposta de uma solução desses conflitos na região. Na obra também mostra o desenvolvimento do sionismo, e as atividades para conseguir apoio político e econômico, durante o Mandato Britânico esses autores possuem uma visão mais crítica sobre Israel.

Também existem obras gerais focadas na histórias dos árabes na Palestina e a resistência no Oriente médio como na obra de Bernard Lewis (1996) e Albert Hourani (1994) que focam na história das regiões de língua árabe do mundo islâmico em questão. Embora a questão de Israel seja tratada nestes textos, a Criação de Israel aparece de forma breve em pequenos trechos, em alguns capítulos, pois os livros são focados no povo árabe mas em contrapartida, Paulo Vicentini (2014) trata desse processo de criação do estado de Israel e resistência em um capítulo inteiro na sua obra que também foca no Oriente médio.

Nas questões a serem discutidas no trabalho sobre as origens do sionismo, Theodor Herzl (1896) na sua obra "O Estado Judeu" idealiza como seria um estado exclusivo para judeus que na ideia dele em parte, seria uma forma de se proteger do antisemitismo que existia.

Martin Gilbert por sua vez, fala sobre a história dos judeus, em geral, passando também pela situação dos judeus na Europa e ações que influenciaram na criação do sionismo, esses autores possuem uma inclinação para as ideias sionistas.

Jurandir Soares (1989) fala na sua obra *Israel x Palestina as raízes do ódio* sobre as

origens dos problemas que envolvem esses dois grupos palestinos e israelenses , com uma perspectiva focada nas raízes do conflito. Karen Armstrong (1996), por outro lado , aborda a importância histórica, cultural e sentimental que a região tem para esses grupos, principalmente a cidade de Jerusalém, a memória do conflito para os dois grupos é a grande conexão entre as obras

5. REFLEXÕES METODOLÓGICAS

A presente pesquisa será bibliográfica, por ter caráter histórico a pesquisa bibliográfica, é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos em quase todos os estudos, é exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas.(GIL,2002 ,p .44) as fontes bibliográficas podem ser assim classificadas de utilização e ser classificadas como de leitura corrente ou de referência.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre população ou renda per capita; todavia, se tem em sua disposição uma bibliografia adequada, não terá maiores obstáculos para contar com as informações requeridas. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos, principalmente pois as Fontes são indispensáveis para trabalho de um historiador ou outras áreas das ciências humanas que precisam da bibliografia como fonte. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados bibliográficos (GIL,2002, p.45). Essas vantagens da pesquisa bibliográfica têm, no entanto, uma contrapartida que pode comprometer, em muito, a qualidade da pesquisa. Muitas vezes, as fontes secundárias apresentam dados coletados ou processados de forma equivocada.

Assim, um trabalho fundamentado nessas fontes tenderá a reproduzir, ou mesmo a ampliar esses erros. Para reduzir essa possibilidade, convém aos pesquisadores, assegurar-se das condições em que os dados foram obtidos, analisar em profundidade, cada informação para descobrir possíveis incoerências ou contradições e utilizar fontes diversas, cotejando-as cuidadosamente (GIL,2002,p 45). Na pesquisa irei trabalhar com as pesquisas bibliográficas, baseado no que foi escrito sobre o tema por textos em português pelo fato que as pesquisas com fontes primárias documentais não se tem como ter em mãos no momento.

6. MÉTODOS

O método da pesquisa será a pesquisa bibliográfica. Houve levantamento bibliográfico e os principais autores usados no desenvolvimento do trabalho foram Stephan Houat (2006), Aura Rejane Gomes (2001), Theodor Herzl (1896) e Martin Gilbert (2002). Essa pesquisa será bibliográfica, e irá usar na sua bibliografia principal textos e autores de língua portuguesa, com o intuito de atingir os objetivos de analisar e mostrar as origens do estado judeu. Usarei a obra de Theodor Herzl (1896) *O estado judeu como* uma fonte e Martin Gilbert (2002), *A história do povo judeu*, para relatar desde o começo, as ideias que os primeiros sionistas tinham para o estado e também um pouco sobre a história dos judeus na Europa.

Eu vou usar a obra de Houat (2006) para o fato de que este autor contribuiu significativamente para uma compreensão árabe do conflito em relação a outras obras que abordam o mesmo tema, mas sob a ótica diferente próxima do sionismo em questão como ocorre em outros textos da pesquisa, na obra de Gomes (2001) por sua vez, foi escolhida pelo tratamento que oferece sobre o mandato britânico, na região da Palestina e o papel de destaque do governo britânico, em seu mandato na criação de Israel. Também a análise da importância dada à propaganda pelo movimento sionista, pois este possuía um caráter de propaganda para os objetivos. Os trabalhos e obras de Finkelstein (2005), serão de grande importância ao comparar os estudos com o também autor Morris (2004), que utilizarei de forma breve que trata de forma realista e bem coerente as consequências geradas, a partir da expulsão dos árabes palestinos de sua terra natal.

O estado de Israel no seu surgimento causou grande resistência entre os árabes na região da Palestina. Partindo disto foram escolhidos para responder os objetivos específicos do trabalho que serão usados como referência, as obras de Paulo Vicentini (2014) com *O grande oriente médio (2014)* e também os textos de Bernard Lewis (1996) que em sua obra *O oriente médio (1996)* trata sobre a região de uma forma geral e se refere a questão dos árabes naquele momento. Da mesma maneira que vale mencionar Albert Hourani (1994) em *Uma história dos povos árabes* como o trabalho vai utilizar em grande parte de textos em língua portuguesa, esses foram os autores principais para a pesquisa na questão árabe.

Em contrapartida às obras críticas ao Sionismo e o nacionalismo judaico, também na pesquisa vale mencionar obras da teóloga Karen Armstrong (1996) com a qual se refere a

Jerusalém em como essa cidade tem importância para os grupos que compõem Palestina e Israel.

Usando das obras dos autores que possuem uma inclinação maior para o sionismo e também os críticos inclinados para a questão árabe, irei fazer uma análise crítica dessas obras.

8 .REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Karen. **Jerusalém uma cidade, três religiões**. São Paulo: companhia das letras, 1996

BARTEL, Carlos Eduardo. **Os missionários sionistas e o nacionalismo judaico no Rio Grande do Sul (1945-1952)**. Dissertação de Mestrado em História. Rio Grande do Sul , 2006

FINKELSTEIN, Norma G. **Imagem e realidade do conflito Israel-Palestina**. Trad. De Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005

Gil , Antônio Carlos . **Como elaborar projetos de pesquisa** . São Paulo Atlas, 2002

FAGUNDES , Paulo . **O grande oriente médio**. São Paulo Atlas, 2014

GILBERT , Martin . **Os 5000 anos de história e fé do povo judeu**. Portugal: aletheia editores, 2002

GOMES, Aura Rejane. **A Questão da Palestina e a fundação de Israel** - Dissertação de Mestrado na USP. São Paulo, 2001. Disponível em:
www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-2405002-163759. Acesso em fevereiro 2022

HOUAT, Stephan Fernandes. **A criação do Estado de Israel e um Estado único como solução dos conflitos**. Belém Centro Universitário do Pará. Belém/PA: CESUPA, 2006.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HOBSBAWM, Eric . **A era dos impérios 1875-1914**. Rio de Janeiro:paz e terra, 2015.

HERZL, Theodor. **O Estado Judeu**. Tradução David José Pérez. Rio de Janeiro: Gramond, 1998.

LEWIS , Bernard. **O Oriente Médio**. Rio de Janeiro: Zahar ,1996

MORRIS, Benny. **The birth of the palestinian fugee problem** revisited Cambridge Middle East Studies - USA, 2004.

SOARES, Jurandir. **Israel x Palestina: as raízes do ódio**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1989